



ORACULA 4.8 (2008)

ISSN: 1807-8222

A CONSTRUÇÃO DA MULHER PERIGOSA...

A leitura do Mito dos Vigilantes nas tradições judaicas e cristãs

Kenner R. C. Terra*

RESUMO

É perigo tratarmos a história do cristianismo das origens de maneira generalizante, com afirmações que escondem sua identidade fluida e realidade complexa, especialmente em relação ao tema sexualidade, pois criaremos caricaturas. Partindo do pressuposto da pluralidade do cristianismo das origens, observaremos a literatura cristã antiga que apresenta de forma negativa a sexualidade e a mulher, como se fosse algo exótico, perigoso e demoníaco. Este trabalho analisará o *Mito dos Vigilantes* (2º século aEC), testemunhado no livro de I Enoque (Enoque etíope), muito conhecido na tradição judaico-cristã, para compreender nele o papel da mulher e da sexualidade, perguntando por sua influência na literatura do cristianismo antigo. A hipótese é de que a linguagem e as imagens presentes nesse mito contribuíram para construção da idéia perigosa da mulher e da sexualidade em alguns grupos cristãos do cristianismo.

Palavras-chave: Mito dos Vigilantes; mulher; corpo; cristianismo das origens.

ABSTRACT

It is dangerous to treat the history of the ancient Christianity in a generalized way, with statements that hide its fluid identity and complex reality, especially when related to themes such sexuality, the one we can easily turn history into caricatures. Taking as presupposition the plurality of the ancient Christianity, we will search the ancient Christian literature for

* Graduado em Teologia pelo Seminário Batista do Sul do Brasil e Escola Superior de Teologia (EST). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. Bolsista CAPES. Membro do Grupo Oracula de Pesquisa em Apocalíptica Judaica e Cristã.

descriptions that presents the sexuality and the woman in a negative way, as if they were something exotic, dangerous and demoniac. This essay aims to analyze the Watcher's myth (2nd century BCE.), narrated in 1 Enoch's book (Ethiopian Enoch), well known in the Jewish-Christian tradition, in order to understand the sexuality and the woman's role described in it, searching for its influence in the ancient Christian literature. The hypothesis is that the language and images on this myth contributed to building the dangerous idea of women and sexuality in some Christian groups.

Keywords: Watchers Myth; woman; body; Enoch; ancient Christianity.

Introdução

Nestes últimos anos, as questões levantadas pelas antropologias modernas abriram novos ares para os pesquisadores da antiguidade. Os exegetas, acostumados a lidar com categorias rígidas como “cristão”, “judeu”, “judaizante”, “comunidades daquele ou destes” e outras, escondem a realidade muito mais fluida das identidades. Reformulações epistemológicas sempre são dolorosas e tensas, mas sua urgência faz-se visível ao acessarmos as contribuições dos estudos modernos de construção de identidade e grupos étnicos.

Quando pretendemos fazer a reconstrução histórica do cristianismo dos primeiros séculos, não levamos isso a sério, e somos tentados a construir uma imagem generalizante, com o intuito, talvez didático, de chegar à realidade histórica desse fenômeno. A historiografia precisa se precaver contra isso, pois a realidade é complexa e fluida, e se tratando de história antiga o perigo se intensifica. Pedro Paulo Funari e Cláudio U. Carlan tecem uma esclarecedora crítica a essa postura:

As discussões antropológicas das últimas décadas foram importantes para criticar os modelos normativos, ainda muito difundidos, contribuindo significadamente para o estudo, também, das sociedades do passado. Pesquisas empíricas e reflexões teóricas apontam para o caráter heterogêneo da vida social, da fluidez das relações e das contradições e dos conflitos sociais (...). À singularidade de identidades imanentes e ahistóricas, como seria brasileira, ou negra, ou católica, contrapõem-se identidades fluidas e em mutação.¹

¹ FUNARI, Pedro Paulo; CARLAN, Cláudio Umpierre. O erotismo no mundo romano: um estudo de caso. In: *Estudo de Religião* 30 (2006): 38-46.

Por isso, podemos criticar os modelos historiográficos sobre o mundo antigo mais articulados e difundidos, que se fundam em uma “interpretação de raiz werberiana”², que embora bem formatados, como tipos ideais, não resistem quando confrontados com a realidade fluida e multifacetada.

Siân Jones, discutindo sobre a predominância da palavra escrita, ou seja, das fontes documentais sobre a cultura material para interpretação dos grupos étnicos na Arqueologia Histórica, mostra como as fontes históricas (aqui fonte escrita) representam parcela fragmentada do passado.

O domínio da palavra escrita sobre o material arqueológico tem sido recentemente desafiado pelo reconhecimento de que as fontes históricas não fornecem afirmações objetivas e absolutas sobre a natureza das sociedades do passado. Antes, elas constituem perspectivas parciais e fragmentadas do passado, não somente como um resultado de níveis variados de preservação, mas também porque elas representam pontos de vista de setores particulares da sociedade, frequentemente o grupo dominante³.

Nesta perspectiva, falar em cristianismo originário, utilizando as fontes documentais, ou até mesmo arqueológicas, é percebê-lo de maneira plural, ou seja, é pensar em “cristianismos primitivos”, cujas práticas, símbolos e cosmovisões são plurais. Mesmo os textos considerados canônicos que para muitos refletem certa unidade cristã, acabam deixando lacunas que mostram a existência de vários grupos diferentes dentro da cristandade⁴.

A mesma pluralidade é comprovada com alguns achados arqueológicos. Por exemplo, nos os textos encontrados no Egito, em Nag Hammadi, no século XX, somos informados a respeito de grupos cristãos que interpretavam a vida e a fé de maneira bem diferente a que comumente se avaliava como “cristã ortodoxa”. Suas relações eram tensas, e por muito tempo tivemos acesso aos seus textos, conhecidos como gnósticos, somente por meio de

² FUNARI e CARLAN, O erotismo no mundo romano, p. 39.

³ JONES, Siân. Categorias históricas e a práxis da identidade: a interpretação da etnicidade na arqueologia histórica. In: FUNARI, P. P. (org). *Identidade, discurso e poder: estudos da arqueologia contemporânea*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2005, p. 31.

⁴ Para um exemplo, ver NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. O conflito entre os hebreus e os helenistas: as origens cristãs não foram tão pacíficas assim. In: *Experiência religiosa e crítica social no cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2003.

escritos ortodoxos. Com o *Segundo Tratado do Grande Seth*, por exemplo, descoberto no Egito, podemos ouvir a voz do outro grupo.

(...) somos perseguidos e odiados, não apenas pelos ignorantes, mas também por aqueles que pensam que estão promovendo o nome de Cristo, pois são inconscientemente vazios, não conhecem a si mesmos, como animais mudos (59, 22-29).⁵

O texto *Trimorphico protennoia*, encontrado também em Nag Hammadi, celebra os poderes femininos do Pensamento, da Inteligência e do Presságio: “[Eu] sou [Protennoia] Pensamento que [habita] na [luz]. (...) [aquela que existe] antes de Tudo (...) vivo em todas as criaturas (...). Eu sou o Invisível dentro do Todo”⁶. Até mesmo a idéia da divindade era diferente. Enquanto os grupos considerados ortodoxos preservavam a idéia masculina e monística, os cristãos gnósticos apresentavam Deus como “díade”, com elementos masculinos e femininos. Como afirma Elaine Pagels:

Um grupo de fontes gnósticas afirma ter recebido a tradição secreta de Jesus por meio de Tiago e Maria Madalena. Os membros desse grupo rezavam para ambas as divindades, Pai e Mãe: “A vós, Pai, e por meio dele, a vós, Mãe, os dois nomes imortais, Pais do ser divino, habitantes do céu, da humanidade, de nome poderoso...” Outros textos indicam que seus autores se perguntavam a quem um Deus, único, masculino, havia proposto: ‘ façamos o homem [*Adão*] à nossa imagem, como nossa semelhança’(Gênesis 1:26). Como a narrativa do Gênesis prossegue dizendo que a humanidade foi criada ‘homem e mulher’ (1:27), concluíram que Deus, cuja imagem fomos feitos, também deve ter sido ambos – masculino e feminino, Pai e Mãe.⁷

Por isso, os escritos utilizados pelos historiadores do cristianismo precisam ser tratados como parte de uma realidade múltipla, sem se deixar levar pela tentação de unificar algo que desde seu nascedouro mostra-se complexo e plural. Existe também a necessidade

⁵ ROBINSON, J. M. (ed.). *The Nag Hammadi library in English* apud. PAGELS, Elaine. *Os evangelhos gnósticos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006, p. 116.

⁶ Idem.

⁷ PAGELS, *Os evangelhos gnósticos*, pp. 54-55.

metodológica das escolhas, que não desqualifica a cientificidade do trabalho, mas essa precisa ser exposta para não correrem conclusões reducionistas.

Assim, ao discutirmos a questão da sexualidade e a relação de gênero, ou seja, as relações e construções sociais dos sexos,⁸ fica pressuposta a fluidez da realidade. Desta forma, os resultados expostos não demonstrarão como o cristianismo “em si” se relacionava com a sexualidade e com as idéias religiosas construídas sobre a relação do homem e da mulher, mas a postura de alguns grupos ou personagens que influenciaram a mentalidade de parcela da cristandade na antiguidade.

Quais são as raízes para uma postura de medo no poder de sedução da mulher e sua acusação de culpa do mal estar no mundo? Como é utilizado seu corpo? De onde vem o medo da figura feminina presente especialmente nas obras deuteropaulinas conhecidas como cartas pastorais, que compõe a Bíblia cristã e muito influenciou o Ocidente, e alguns teólogos da Igreja dos primeiros séculos? Qual o mundo religioso e simbólico por trás das afirmações que pintam a mulher como perigosa, sedutora, que precisa até ser comedida por causa dos anjos, como está escrito em I Co 11,10?

Esses tipos de questionamentos nos reportam a tradições judaicas de pelo menos três séculos aEC, onde encontramos uma narrativa de anjos rebeldes que possuem mulheres gerando gigantes (*Nefilins*), da tradição judaica do segundo templo, que pode nos dizer a respeito de práticas sociais e idéias religiosas de grupos judaicos e cristãos.

A narrativa de anjos que possuem mulheres é testemunhada na literatura judaica pela primeira vez no livro dos Vigilantes, que por sua vez compõe o Livro Etíope de Enoque (I Enoque). Este mito tem uma importância fundamental para algumas práticas e imaginários do judaísmo e do cristianismo. Paulo Nogueira afirma:

O Mito dos Vigilantes, apesar de desconhecido do público acadêmico brasileiro em geral, constitui uma das narrativas fundantes do ocidente. Isso é dito sem nenhum exagero, uma vez que esta narrativa influencia muito a forma como o judaísmo e o cristianismo compreendem a origem do mal e do demoníaco no mundo, a fundação da cultura e o papel que

⁸ SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Revista Educação & Realidade* 20.2 (1995): 71-99.

nela tem os seres divinos e os humanos, especialmente representados pelas mulheres.⁹

O mito dos vigilantes serve-nos como um ponto de referência para pesquisa do contexto sócio-cultural do 2º século aEC, e a ligação simbólica da sexualidade e do poder erótico da mulher no contexto vivencial do mito, visto de forma difamatória e perigosa, isso porque

(...) o *Histórico* do mito não é o acontecimento exemplar (que é imaginário), mas a realidade humana *que ele quer interpretar* na forma de uma conexão com o mundo transcendente dos Deuses. Tal realidade histórica está ‘refletida’ no relato mítico; está ali como em um negativo de fotografia; o positivo da fotografia é o feito primordial (entende-se que a configuração acontece no plano do sentido).¹⁰

E seu incentivo histórico, como fica claro em alguns escritos cristãos antigos, à ação de domesticação do corpo da mulher e da demonização, em alguns grupos cristãos, da sexualidade humana. E, como bem expressou Paulo Nogueira, as imagens do Mito dos Vigilantes permearam na mentalidade judaica, foram desenvolvidas no imaginário cristão primitivo e, conseqüentemente, no Ocidente.

Mulheres belas e perigosas: leitura do Mito dos Vigilantes

Como afirma Annette Y. Reed, o Livro dos Vigilantes, onde se encontra o mito de que trataremos, é um dos mais antigos textos não bíblicos da literatura judaica.¹¹ James C. Vanderkam afirma que o livro é a mais familiar seção de I Enoque.¹² Isto é possível perceber até mesmo nos muitos testemunhos textuais presentes em Qumran. Ele divide os capítulos do Livro dos Vigilantes da seguinte maneira:

1-5: uma repreensão escatológica

6-11: História sobre a descida dos anjos e pecado

⁹ NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. O Mito dos Vigilantes: apocalípticos em crise com a cultura helenista. In: *Religião e Cultura* V.10 (2006): 145-146.

¹⁰ CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2001, pp. 301-2.

¹¹ REED, Annette Yoshiko. *Fallen angels and the history of Judaism and Christianity: the reception of Enochic literature*. New York: Cambridge University Press, 2005, p. 3.

¹² VANDERKAM, James C. *Enoch and the growth of an apocalyptic tradition*. Washington: The Catholic Biblical Association of America, 1984 (The Catholic Biblical Quarterly Monograph Series 16).

12-16: Enoque e a petição dos Vigilantes

17-19: Primeira jornada de Enoque

20-36: Segunda jornada de Enoque

O primeiro passo para percebermos sua influência na literatura judaica e cristã, é a aproximação da narrativa. O contexto histórico do surgimento do Mito dos Vigilantes, como alguns pesquisadores propõem, pode ser uma crítica a crise pelo contato cultural helênico ou a impureza sacerdotal devido a casamentos ilícitos. É um texto pertencente a um grupo que diferente da aristocracia judaica do 2º século, não aceitava a helenização.¹³

O texto é a junção de duas tradições, que no segundo século já pertenciam a uma única obra. De acordo com o relato dos capítulos 6-11, um grupo de seres angelicais nomeados como *Os Vigilantes*¹⁴ se atraíram pela *beleza das filhas dos homens*, e conspiraram entre si sob a liderança de *Shemihazah*, com o propósito de possuírem as belas mulheres, filhas dos homens.

Quando os filhos dos homens se multiplicaram, naqueles dias, nasceram-lhes filhas bonitas e graciosas. E os vigilantes, filhos do céu, ao verem-nas, desejaram-nas e disseram entre si: “Venham, escolhamos para serem nossas esposas as filhas dos homens, e tenhamos filhos!” Disse-lhes então o seu chefe Semiaza: “Eu receio que vós não queirais realizar isso, deixando-me no dever de pagar sozinho o castigo de um grande pecado.” Eles responderam-lhe e disseram, “Nós todos estamos dispostos a fazer um juramento, comprometendo-nos a uma maldição comum, mas não abrir mão do plano, e assim executá-lo.” Então eles juraram conjuntamente, obrigando-se a maldições que a todos atingiram. Eram ao todo duzentos os que, nos dias de Jared, haviam descido sobre o cume do monte Hermon. Chamaram-no Hermon porque sobre ele juraram e se comprometeram a maldições comuns (I Enoque 6,1-5).

¹³ Sobre este assunto, ver NICKELSBURG, George W. E. Apocalyptic and myth in 1 Enoch 6-11. In: *Journal of Biblical Literature* 96.3 (1977): 383-405; COLLINS, John Joseph. The apocalyptic technique: setting and function in the Book of Watchers. In: *Catholic Biblical Quarterly* 44.1 (1982): 91-111.

¹⁴ Em nota Vanderkam diz: “O termo *Vigilantes*, do aramaico *ʿirîn* (em inglês traduzido por *Watchers*), pode se referir tanto aos anjos bons quanto aos maus. Em Dn 4,13, 17,23 é usado para anjos que servem a Deus; em outro lugar, como no Livro dos Vigilantes, é um título para os anjos de Gn 6, 1-4 que descem para terra e pecam com as filhas dos homens”. Cf. VANDERKAM, *Enoch and the growth of an apocalyptic tradition*, p. 110.

Com o contato com os seres humanos, os vigilantes ensinaram a arte da metalurgia e da confecção de armas. Às mulheres ensinaram a arte de ornamentar-se (maquiagem, por exemplo) e as artes da adivinhação, magia, encantamentos, astrologia e cultivo de raízes (8,1-3). Paulo Nogueira fez um inventário didático dos ensinamentos dado pelos anjos e seus respectivos nomes presentes na narrativa:¹⁵

Azazel: a metalurgia (para fabricar armas) e a cosmética.

Amerazak: Magia (encantamentos e raízes)

Armaros: como anular encantamentos

Baraquel: os astrólogos

Kokabiel: os signos

Tamiel: astrologia

Asradel: o ciclo lunar.

Ao terem relações sexuais com as mulheres geraram gigantes, seres híbridos que comeram todo o alimento produzido pela terra e depois os próprios seres humanos. Com o derramamento de sangue, a humanidade clamou a Deus.

Ao ver o caos instaurado sobre a terra, os anjos Miguel, Sariel, Rafael e Gabriel, que estavam no céu, intercederam ao *Altíssimo* em favor da humanidade (cap. 9). Em resposta à solicitação dos anjos, Deus envia o anjo Sariel para alertar Noé do iminente julgamento que virá sobre o mundo.

Na seqüência, Deus envia Rafael para prender *Azazel* nas profundezas do deserto, que lá deveria permanecer até o julgamento final. Então Deus envia Gabriel, a fim de destruir, sem misericórdia, os gigantes (10,4-12).

E a Miguel Deus ordenara que prendesse *Shemihazah* e seus comparsas angelicais e os encarcerassem por sete gerações nos vales profundos da terra, até o dia do julgamento, o dia do juízo final, quando finalmente serão lançados no fogo eterno. E então, florescerá a justiça e a paz entre os justos da terra (10,16-11,2).

O mito utiliza linguagem simbólica para tecer críticas e preservar a identidade judaica

¹⁵ NOGUEIRA, O Mito dos Vigilantes, pp. 145-146.

usando a figura da mulher e da sexualidade de maneira degradadora. O que gera toda desgraça do mundo e funda uma cultura do caos é a beleza da mulher. A isso é ligada a existência da magia e a ruína de toda uma ordem cósmica presente no significado dos nomes de cada vigilante. Com as leituras posteriores, as figuras da mulher e da sexualidade humana se tornam ainda mais destruidoras.

Os capítulos 12-16 de I Enoque são uma releitura dos capítulos 6-11. Enoque ascende aos céus e Deus o comissiona como seu “delegado” para anunciar aos anjos vigilantes o julgamento divino. Nestes capítulos (12-16), os anjos vigilantes são descritos como “sacerdotes” que abandonaram sua posição sacerdotal no templo celestial e “atravessaram” a fronteira entre céus e terra; fornicando com mulheres, contaminaram-se com o sangue delas (15,4).

Nestes capítulos, uma nova imagem aparece. Com a morte dos gigantes, filhos das mulheres com os anjos, seus espíritos são liberados e transformam-se em espíritos malignos gerando uma vasta proliferação de demônios (15,10-16,3). Em 15,12 eles oprimirão as crianças e as mulheres grávidas. Esses espíritos dos gigantes aparecem como tentadores da humanidade e causariam terríveis males.

Nesse momento, uma etiologia demoníaca está em estreita relação com a mulher e sua sexualidade. Seu corpo e sua beleza são as causadoras da desgraça humana e da existência dos demônios. Assim, as mulheres possuem perigosa existência a ponto de levar seres santos a uma situação de desgraça e perdição. Imagens que vão se reconstruindo em cada momento histórico onde é lido o mito, novos contornos são dados, mas as figuras centrais são preservadas e ainda mais demonizadas. Como afirma J. Collins, o mito pode ser lido em momentos diferentes e aplicado em outras crises.¹⁶ Jonathan M. Hall, estudando os dórios e os seus relatos míticos, esclarece ainda mais ao dizer que o fato deles existirem em tantas variantes é testemunho não de confusão débil da memória humana, mas o é para as várias funções às quais eles serviram no decorrer do tempo, atravessando diferentes regiões. Esta perspectiva abre ainda mais os horizontes metodológicos para a análise das variantes e novos símbolos presentes nas tradições posteriores do Mito dos Vigilantes.¹⁷

¹⁶ COLLINS, The apocalyptic technique, pp. 91-111.

¹⁷ HALL, J. M. *Ethnic identity in Greek antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

As leituras do Mito dos Vigilantes na história da tradição judaica e cristã

A importância dada a esta narrativa se percebe nas muitas leituras feitas a esse mito presente em toda tradição judaica e, posteriormente, na cristã. Alguns textos podem ser mapeados para percebermos como as imagens desse mito influenciaram práticas religiosas e deram base para relações de poder.

Tradições judaicas antigas

Um texto judaico ainda bem próximo ao Livro dos Vigilantes é *Jubileus* (2º século aEC). Neste texto é recontada a história do Gênesis. Em *Jubileus* novamente aparecem os anjos seduzidos pela beleza das mulheres e o nascimento de gigantes como resultado das relações sexuais entre seres celestes e mulheres. Por isso, a maldade aumentou na terra e Deus mandou o dilúvio. Após o dilúvio, Noé ora a Deus contra os demônios (“os demônios poluídos”). Esses demônios estavam desviando, cegando e matando os seus netos. E ele diz: “... tu sabes o que os *Vigilantes*, os pais destes espíritos [que seriam os demônios], fizeram nos meus dias e também estes espíritos que estão vivos ... eles são cruéis e criados para destruir ...”. Assim, o Senhor ordena aos anjos que os amarrem e Mastema pede a Deus que deixe com ele um décimo dos demônios (caso contrário, “não serei capaz de exercer a autoridade da minha vontade entre os filhos dos homens”).

Em *Jubileus*, demônios são os espíritos dos gigantes. E a sexualidade novamente causa a maldade e os seres demoníacos na terra. A beleza da mulher é vista como a causadora da origem dos demônios. O mito é relido e novas figuras aparecem contribuindo para construção da imagem negativa da mulher e a sua sexualidade.

Também em Qumran o mito é lido e aparece no *Documento de Damasco*, 4Q180, 1Q23 e outros. A mesma lógica simbólica é preservada em Qumran ao falar da queda dos anjos e a sua relação com as mulheres sexualmente perigosas.

Interpretação sobre Azazel e os anjos que [foram às filhas de homem] [e] geraram delas gigantes. E sobre Azazel [que os extraviou no erro] [para amar] a iniquidade e para fazê-los herdar a maldade todos os seus pe[didos, para destruição] [pelo zelo] dos juízos e o juízo do conselho de [...] (4Q180, col. V, frag.13 II: 6-10).

Em 1QGigantes^a, fragmento 8, fala-se acerca das cópias da segunda tabuinha da epístola escrita por Enoque a Semihaza e todos os seus companheiros dizendo: “Sabei que não [...] vossas obras e as de vossas mulheres [...] elas e seus filhos e as mulheres de [seus filhos...] por vossa prostituição na terra” (1Q23, col. II, frag. 8: 6-8).

No *Documento de Damasco* são criticados o olhar luxurioso e a obstinação contra Deus. Neste contexto o mito dos vigilantes é citado como exemplo de desobediência e entrega ao pecado:

Agora, pois, filho meus, escutai-me e eu abrirei vossos olhos para que vejais e compreendais as obras de Deus, para que escolhais aquilo que lhe compraz e rejeitais o que odeia, para que caminheis perfeitamente por todos os seus caminhos e não vós deixeis arrastar pelos pensamentos da inclinação culpável e dos olhos luxuriosos. Pois muitos se extraviaram por estas coisas; heróis valorosos sucumbiram por sua causa desde tempos antigos até agora. Por ter caminhado na obstinação de seus corações os Vigilantes dos céus caíram; por ela se enredaram, pois não observaram os preceitos de Deus. O mesmo que caíram seus filhos, cuja altura era como a dos cedros e cujos corpos eram como montanhas. Toda carne que havia na terra seca pereceu e foi como se não houvera existido, por ter feito seus caprichos e não ter observado os preceitos de seu criador até que sua ira se acendeu contra eles. (CD, col. II: 14-21).

Outro texto judaico que é influenciado pelo Mito dos Vigilantes é o *Testamento de Rubens*. Este texto instrui a fugir da prostituta. Em forma de ensino é proibido às mulheres se enfeitarem, pois isso traz condenação. Mais uma vez, a mulher é vista como perigosa:

De outra forma, nunca uma mulher poderia subjugar um homem. Fugi da prostituta, meus filhos! Proibi vossas mulheres e vossas filhas de enfeitarem a cabeça e o rosto! Pois toda a mulher que recorre a esses ardis atrai sobre si o castigo eterno. Foi desta maneira que elas também enfeitiçaram os Guardiões [Gn 6] antes do dilúvio. Eles olhavam-nas constantemente, e assim conceberam o desejo por elas. Engendraram o ato em sua mente, e transformaram-se em figuras humanas. E quando

aquelas mulheres deitavam-se com os seus maridos, eles vinham e mostravam-se. E as mulheres em seus pensamentos conceberam desejos pelas formas visíveis deles, e assim deram à luz gigantes; pois os vigilantes apareciam-lhes como tendo a estatura do céu (*Testamento de Rubem* 5,4-6).

Nos textos a sexualidade é vista como instrumento de poder e estava nas mãos das mulheres. Assim, legitimava-se a dominação patriarcal, para segurança da ordem social e cósmica.

Tradições cristãs e judaicas do 1º e 2º séculos EC

A literatura bíblica neotestamentária é dependente, em algumas partes, da imagem do Mito dos Vigilantes (Judas 6; I Pedro 3,18-21; 2 Pedro 2,4):

1) E aos anjos que não guardaram o seu principado, mas deixaram a sua própria habitação, reservou na escuridão e em prisões eternas até ao juízo daquele grande dia (Jd 6).

2) Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; mortificado, na verdade, na carne, mas vivificado pelo Espírito; No qual também foi, e pregou aos espíritos em prisão; Os quais noutro tempo foram rebeldes, quando a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca; na qual poucas (isto é, oito) almas se salvaram pela água; Que também, como uma verdadeira figura, agora vos salva, o batismo, não do despojamento da imundícia da carne, mas da indagação de uma boa consciência para com Deus, pela ressurreição de Jesus Cristo (I Pd 3,18-21).¹⁸

3) Porque, se Deus não perdoou aos anjos que pecaram, mas, havendo-os lançado no inferno, os entregou às cadeias da escuridão, ficando reservados para o juízo (2 Pd 2,4).

¹⁸ No verso 19, ao falar de espíritos, não se refere a pessoas mortas, como está pressuposto em I Pedro 4,6, mas a seres sobrenaturais, que no período de Noé erraram e foram aprisionados. Esse tipo de idéia tem suas raízes no bloco 12-16 de I Enoque, que interpreta 6-11. No texto judaico, Enoque anuncia a condenação de Azazel e o julgamento sobre os demais vigilantes (13,1-2; 13,3). I Pedro afirma que os espíritos aprisionados são os anjos que foram expulsos do céu. Estes são os mesmo que tiveram relações com as “filhas dos homens” e ensinaram a arte da guerra aos homens, como está narrado no Mito dos Vigilantes. Os anjos que peracaram foram amarrados até o dia do julgamento.

Todos os textos supracitados mostram nítida influência do Mito dos Vigilantes. Contudo, fixar-nos-emos na imagem maligna e perigosa da mulher e da sexualidade presente no mito, bem como em sua sorrateira influência, perpetuada até os tempos cristãos e testemunhada na literatura judaico-cristã do primeiro e segundo séculos.

Na fonte Q (11, 24-26) está presente o *pneuma akatharton*. No texto ele sai de um homem – e se sai é porque estava dentro, no corpo. A preposição *apo*, conectada ao substantivo *anthropos* permite esta idéia. As *Pseudo-Clementinas*, texto judaico-cristão do 2º século, dizem que os demônios ardem em desejos de entrar nos corpos porque querem comer, beber, ter relações sexuais e, sendo espíritos, precisam possuir as pessoas para conseguirem-no.¹⁹

Akatharton tem a idéia de não purificar, segundo a concepção ritual. O “espírito imundo” seria aquele que, ao possuir pessoas, as tornaria impuras. Eles causavam doenças, problemas físicos e psíquicos. Assim, prejudicavam as pessoas em relação às exigências rituais. Também a expressão está vinculada à opressão social, como transparece na narrativa de Mc 5,1-20 (gadareno, legião).²⁰ Expulsar demônios, segundo uma exegese sociológica, é derrotar os agentes do diabo e representa a derrota e a rejeição de Roma, o aliado e agente do maligno. Por isso, Wink diz que a possessão maligna está ligada a circunstâncias de opressão e colonialismo, “tensões sociais” e “antagonismos de classe”, enraizados na exploração econômica e conflito entre tradições²¹. A possessão também pode ser uma forma de reação contra o ajuste às exigências sociais e culturais, ou até mesmo uma rotulação para controle da parte dos detentores do poder para preservação do *status quo*²².

A figura do *espírito imundo* aparece algumas vezes nos sinóticos. Na LXX, traduzindo *ruah tame* de Zc13,2 como to *pneuma to akatharton*, parece ser a única vez que a expressão é identificada na literatura veterotestamentária. Em I Enoque 99, 7 e Jubileus 10,1 também aparecem a expressão “espíritos impuros”. No evangelho de Marcos, a figura do “espírito imundo” aparece em quatro exorcismos (1,23-28; 5,1-20; 7,24-30; 9,14-27), em Mt aparece

¹⁹ Pseudo-Clementinas IX, 10, PG 2, 248.

²⁰ Ver MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.

²¹ CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus: comentário sóciopolítico e religioso a partir das margens*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 172.

²² CARTER, *O Evangelho de São Mateus*, p. 173.

duas vezes. Assim, em Mc, Mt, Lc e Q, a expressão “espírito impuro” está ligada a malignidade. A expressão espíritos impuros está, também, ligada a idéia do demoníaco.²³

Uma pergunta surge ao lermos esses textos: quem seriam esses espíritos impuros? Segundo Adela Collins, seriam os antigos Vigilantes que deixaram suas posições para possuírem as mulheres (filhas dos homens), como está narrado no mito dos vigilantes (I Enoque 6-11)²⁴. Seriam impuros, pois se tornaram impuros por causa da relação hibridada com as humanas. Archie T. Wright, concordando com Collins, e ainda vai além, quando diz que a demonologia dos evangelhos tem suas raízes no Mito dos Vigilantes²⁵. Podemos intuir que a figura do demoníaco, em especial no espírito impuro, está bem ligada à imagética da relação híbrida de mulheres com anjos.

A Primeira Carta aos Coríntios tem a seguinte admoestação: “Sendo assim, a mulher deve trazer sobre a cabeça o sinal da sua dependência, por causa dos anjos” (11,10). Este texto está inserido dentro de um contexto que impõe à mulher submissão ao homem e ordem no culto. Portanto, a mulher deveria estar submetida ao esposo. Soltar os cabelos na tradição judaica e Romana²⁶ era extremamente libidinoso. Os cabelos tinham conotação de sensualidade. Por isso deveria ser escondido, como respeito aos maridos.

Um exemplo da eroticidade do cabelo é visto na antiguidade clássica no texto “O asno de Ouro” de Apuleio. Na passagem, onde ele narra a sedução de uma escrava chamada Fôtis, Apuleio já insuportavelmente seduzido, pede para que ela se aproximar logo. Em certo momento, quando já possuído de prazer, ele diz: *Mas se quiser satisfazer-me ainda mais, deixe os cabelos livres e soltos e me abrace* (2,16).

A narrativa erótica continua e o jogo de sedução da escrava com seu senhor se torna mais excitante, a ponto de ele ficar totalmente entregue a Fôtis. Assim, Apuleio narra:

²³ WOODRUFF, Archibald M. O demoníaco no Evangelho de Marcos. In: *Estudos de Religião XXI*.33 (2007): 108-120.

²⁴ COLLINS, Adela Yabro. Mark and his readers: the Son of God among Jews. In: *Harvard Theological Review* 92.4 (1999): 393-408. Assim ela afirma: “The reference to ‘unclean spirits’ is a Jewish formulation that may be related to the story of the fallen angels. In 1 Enoch God instructs Enoch to rebuke the fallen angels, the Watchers, and to ask them: Why have you left the high, holy and eternal heaven, and lain with the women and become unclean with the daughters of men...? And you were spiritual, holy, living an eternal life, but you became unclean upon the women”.

²⁵ WRIGHT, A. T. Evil spirits in Second Temple Judaism: the Watcher tradition as background to the demonic pericopes in the gospels. In: *Henoch* 28 (2006): 141-160.

²⁶ Ver SEBASTA, J. L. Women’s costume and feminine civic morality in Augustan Rome. In: *Gender e History* 9.3 (1997): 529-541.

Sem demora, retira todos aqueles pratos de iguarias, tira toda a roupa, **solta os cabelos com fina sensualidade**, como Vênus quando surge das vagas marinhas e, como ela, protegia, com sua mazinha rósea sua suave púbis, antes com malícia que com recato [grifo do autor] (Apuleio, *O asno de ouro* 2,17).²⁷

Lendo o texto de I Co 11 à luz do livro do Mito dos Vigilantes, da cultura greco-romana e judaica, como parece ser o correto, Paulo exorta as mulheres esconderem a parte erótica para não atrair os anjos. A calamidade ocorrida no período pré-diluviano, no qual anjos são seduzidos pela beleza feminina, poderia novamente acontecer. Vemos aqui novamente uma alusão ao Mito dos Vigilantes e à ameaça da mulher.

Nas cartas pastorais aparece a mesma idéia. Em I Tm 3,11 a mulher não deveria ser maldizente, que em grego provém da mesma palavra para diabo: *Também as mulheres devem ser respeitáveis, não maldizentes (diabolous), sóbrias, fieis em todas as coisas.*

Em I Tm 2,12-15, mesmo que se remonte a narrativa de Adão e Eva, ainda trás a figura perigosa da mulher, por isso deveria ficar calada, e se limitar a maternidade, para sua salvação. A maternidade era como um impedimento, ou medida preventiva para sua sedução:

Não permito às mulheres que ensinem ou dominem o homem. Que conserve, pois, o silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher, que, seduzida, caiu em transgressão. Entretanto, ela será salva pela sua maternidade, depois que, com modéstia, permaneça na fé, no amor e na santidade.

Em I Pe 3,3-4, como é feito no *Testamento de Rubens*, os enfeites e adornos são colocados em segundo plano, para que a modéstia e submissão sejam prioridades.

Não consista o vosso adorno em exterioridade, com tranças dos cabelos, no uso de jóias e ouro, nem em trajar vestes finas, mas nas qualidades

²⁷ FUNARI, Pedro Paulo A. *Antiguidade clássica: a história e a cultura a partir dos documentos*. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002, p. 61.

personais internas, isto é, na incorruptibilidade de espírito manso e tranqüilo, que é coisa preciosa diante de Deus.

Em I Tm 2,9-11 é dito algo muito parecido e percebe-se a mesma imagética do texto acima citado:

Igualmente quero que as mulheres se vistam decentemente e se enfeitem com modéstia e bom senso. Nada de penteados complicados nem de jóias de ouro ou de pérolas, nem de vestes luxuosas. Mas que se enfeite, com boas obras, como convém a mulheres que fazem questão de uma vida piedosa.

Vemos o controle do corpo da mulher representado no discurso em torno da roupa e a ornamentação, fruto do pavor à potencialidade sexual da mulher. No mito dos vigilantes, juntamente com as outras mazelas resultantes do contato com os anjos, é adicionado o ensino da ornamentação das mulheres.

Em Ap 9, 8 os terríveis gafanhotos tinham os cabelos longos, remontando a imagem da mulher. Mesmo que aqui se refira à opressão imperial, é a imagética da mulher e do seu poder sexual que está presente na linguagem simbólica.

Outro texto da tradição judaica é o livro do 1º século E.C., II Enoque. Nesse texto fala-se de *grigori*, que são os vigilantes em versão grega. No texto as mulheres são as responsáveis pelos pecados dos vigilantes: “as filhas dos homens cometeram muitas abominações em todas as épocas desde séculos, infringindo a lei, misturando-se (com eles) e gerando gigantes, os monstros, e grande iniquidade”. Em II Enoque de forma direta a mulher é culpada pela queda e desgraça dos anjos, pois tinha nas mãos o poder da dominação pela sexualidade.

Esta mesma imagem da sexualidade e da mulher influenciou teólogos cristãos dos séculos posteriores, como Justino Mártir, Irineu, Tertuliano e outros. O próprio Tertuliano, tendo a imagética do Mito dos Vigilantes, escreveu:

Porque eles, por quem os instituíram são designados, à condenação, por pena de morte, - esses anjos, com inteligência, que fugiram do céu em busca das *filhas de homens*; de forma que esta ignomínia também se *prende à mulber*. De uma época muito mais ignorante (que a nossa) eles *revelaram certas substâncias de material bem-ocultas, e várias artes científicas bem-reveladas* – se é verdade que eles tinham revelado o *manejo da metalurgia*, e tinham divulgado as propriedades naturais de ervas, e tinham promulgado os poderes de encantos, e tinha revelado toda arte misteriosa, até mesmo a interpretação das estrelas - e particularmente às mulheres, eles comunicaram corretamente a arte instrumental malévola de ornamentação feminina, os brilhos de jóias como colares são combinados em diversas cores, e os braceletes de ouro, e produtos de tingimento com os quais a lã é colorida, e aquele pó negro, com o qual são feitas as pálpebras e cílios proeminentes (*De cultu feminarum* II.10,2-3).

Considerações finais

Como diz Karen Bergesh, comentando as obras de Foucault, o corpo é o lugar onde fica escrita a história. O corpo recebe as marcas da história. Este corpo não entendido de forma dualista, ou seja, separado da alma, como algo inferior ou secundário, mas como ponto de partida e chegada do interesse humano. Um corpo que deseja, mas também vive a violência. No caso das imagens presentes no Mito dos Vigilantes, e que perpassaram a tradição judaica e cristã, este corpo é perigoso, amedrontador. Muitos outros textos que testemunham a religiosidade judaico-cristã²⁸, mesmo não tendo raízes no Mito dos Vigilantes, culpam a mulher pelos males desse mundo, como o *Testamento de Jó, Eclesiástico 25,24* e *Vida de Adão e Eva*, onde temos uma cumplicidade entre Eva e a serpente no paraíso.

A narrativa do Mito dos Vigilantes gerou imagens mentais que perpassaram, sorratamente, a cultura popular, da rica história judaica, e também alcançou grupos

²⁸ Uso esse termo sabendo que é motivo de grandes discussões a utilização dos vocábulos, e a questão ainda em ebulição a respeito da identidade Judaica ou Cristã. Para essa discussão ver: COHEN, S.J.D. *The Beginnings of Jewishness. Boundaries, Varieties, Uncertainties*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1999; GOODMAN, Martin. *Identidade E autoridade no judaísmo Antigo* (no prelo); NOGUEIRA, Paulo agosto de Sousa. *O poder da diferença: o judaísmo como problema para as origens do cristianismo*. (no prelo);

cristãos. Assim, serviu de concepções religiosas e práticas sociais.

No mito, o corpo da mulher foi demonizado, e por isso a necessidade de ser domesticado. Sua beleza não é somente demoníaca, como também serve indiretamente para geração dos demônios. “Anjos que se apaixonam por mulheres”! Isso parece ser algo ridículo aos olhos modernos, mas é a raiz do pavor até hoje presente em alguns grupos e a imagem que permeia muito dos discursos religiosos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGESCH, Karen. Violência contra a mulher: uma perspectiva foucauliana. In: MARG, J. Ströher (org). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2004.

CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus: comentário sóciopolítico e religioso a partir das margens*. São Paulo: Paulus, 2002.

COHEN, S. J. D. *The beginnings of Jewishness: boundaries, varieties, uncertainties*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1999.

COLLINS, Adela Yabro. Mark and his readers: the Son of God among Jews. In: *Harvard Theological Review* 92.4 (1999): 393-408.

COLLINS, John Joseph. The apocalyptic technique: setting and function in the Book of Watchers. In: *Catholic Biblical Quarterly* 44.1 (1982): 91-111.

FUNARI, Pedro Paulo. *Antiguidade clássica: a história e a cultura a partir dos documentos*. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

FUNARI, Pedro Paulo; CARLAN, Cláudio Umpierre. O erotismo no mundo romano: um estudo de caso. In: *Estudos de Religião* 30 (2006): 38-46.

HALL, J. M. *Ethnic identity in Greek antiquity*. Cambridge: Cambridge: University Press, 1997.

JONES, Sian. Categorias históricas e a práxis da identidade: a interpretação da etnicidade na arqueologia histórica. In: FUNARI, Pedro Paulo (org). *Identidade, discurso e poder: estudos da arqueologia contemporânea*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2005.

MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.

NICKELSBURG, George W. E. Apocalyptic and myth in 1 Enoch 6-11. In: *Journal of Biblical Literature* 96.3 (1977): 383-405.

_____. *A commentary on the Book of 1 Enoch, chapters 1-36; 81-108*. Minneapolis: Fortress Press, 2001.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *Experiência religiosa e crítica social no cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. O Mito dos Vigilantes: apocalípticos em crise com a cultura helenista. In: *Religião e Cultura* V.10 (2006): 145-155.

PAGELS, Elaine. *As origens de Satanás: um estudo sobre o poder que as forças irracionais exercem na sociedade moderna*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

_____. *Os evangelhos gnósticos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

REED, Annette Yoshiko . *Fallen angels and the history of Judaism and Christianity: the reception of Enochic literature*. New York: Cambridge University Press, 2005.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Revista Educação & Realidade*. 20.2 (1995): 71-99.

SCHIAVO, Luigi. “Como é sentir o calor?” A história de Lúcifer que se tornou demônio por causa da mulher. In: *Estudos Bíblicos* 72 (2002): 73-89.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2001.

SEBASTA, J. L. Women’s costume and feminine civic morality in Augustan Rome. In: *Gender e History* 9.3 (1997): 529-541.

VANDERKAM, James C. Enoch and the Growth of an apocalyptic tradition. Washington: The Catholic Biblical Association of America, 1984 (The Catholic Biblical Quarterly Monograph Series16).

VASCOLNCELOS, Pedro Lima. Do paganismo erotizante ao cristianismo repressor: testemunhos no âmbito do cristianismo dos dois primeiros séculos. In: *Estudos de Religião* 30 (2006): 56-65.

WRIGHT, A. T. Evil spirits in Second Temple Judaism: the Watcher tradition as background to the demonic pericopes in the gospels. In: *Henoch* 28 (2006): 141-160.

WOODRUFF, Archibald M. O demoníaco no Evangelho de Marcos. In: *Estudos de Religião* 33 (2007): 108-120.